

**LOGOS UNIVERSITY INTERNATIONAL DEPARTAMENTO DE PÓS
GRADUAÇÃO STRICTO SENSU MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**A HISTORICIDADE DA FILOSOFIA COMO ALIADA DA EDUCAÇÃO POR
PRINCÍPIOS**

Artigo apresentado ao curso de Mestrado da Logos University International, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências da religião. Orientador: Gabriel Cesar Dias Lopes, PHD

Célio Roberto Gomes

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo elucidar um conceito que se cristalizou entre os racionalistas a partir do século XVIII segundo os quais razão e fé não apenas caminham em direções opostas como, também, são inconciliáveis. A pesquisa é de natureza bibliográfica e nela ficou demonstrado que Jesus, na condição de mestre por excelência e líder religioso, usou fartamente as ferramentas disponibilizadas pela filosofia e que os padres da Igreja – particularmente os apologistas do século II e III – não apenas recorreram a ela como, também, a tinha na condição de “serva da teologia”. Os resultados obtidos acusaram não apenas que a tentativa dos racionalistas no sentido de demonizá-la era equivocada como também se mostrou trágica ao produzir um rastro de destruição foi além dos portões da escola. Por fim, ficou comprovado que a filosofia cristã é fundamental para complementar a formação integral do discente.

Palavras-chave: historicidade, filosofia cristã, pós modernidade, pragmatismo.

ABSTRACT:

This article aims to elucidate a concept that crystallized among the rationalists from the eighteenth century according to which reason and faith not only walk in opposite directions but are also irreconcilable. The research is of a bibliographical nature and it was shown that Jesus, in his capacity as a teacher par excellence and religious leader, used the tools widely available by philosophy and that the priests of the Church - particularly the apologists of the second and third centuries - did not only resort to she had, as well, had her as a "servant of theology." The results obtained accused not only that the rationalists' attempt to demonize it was wrong but also proved tragic in producing a trail of destruction went beyond the school gates. Finally, it was proved that Christian philosophy is fundamental to complement the integral formation of the student.

Key words: historicity, Christian philosophy, post modernity, pragmatism.

Falar da filosofia como aliada da educação por princípios pode, num primeiro momento, causar estranheza, pois, com o advento do liberalismo filosófico (sec. XVIII) se cristalizou no meio acadêmico a ideia de que filosofia e fé são incompatíveis. A culpa pela formação desta concepção na Idade Moderna pode ser atribuída à agressividade e extremismos por parte dos racionalistas liberais. À semelhança dos antigos gregos, esses filósofos desprezaram ou consideraram mito tudo aquilo que não podia ser explicado racionalmente.

Não bastassem os intelectuais deístas, agnósticos e ateus, no final do século XVIII surgiu entre os cristãos, mais precisamente no meio evangélico, a teologia liberal, fortemente influenciada pelo racionalismo deísta. Seus principais representantes foram: Friedrich Schleiermacher (1768-1834), Albrecht Ritschl (1822-1889), Adolf von Harnack (1851-1930), Ernst Troeltsch (1865-1923), dentre outros. Os liberais, tal qual os gregos, buscavam uma investigação filosófica de forma autônoma e desvinculada da religião e da fé. Por isso, eles consideravam mito o relato de Jonas no ventre do peixe (Jn 1.17; 2.1). Eles não reconheciam a autoridade final da Bíblia em termos de fé e

doutrina. Eles negavam a autoridade e autenticidade dos milagres. Eles negavam a divindade de Cristo.

A culpa pela formação desta concepção na Idade Moderna pode, igualmente, ser atribuída à ignorância dos homens da fé em relação à instrumentalidade da filosofia na busca pela compreensão de questões gerais e fundamentais relacionadas à natureza da existência humana. Isso inclui falar da moral, do conhecimento, da estética, da mente e do universo em geral. Durante seu ministério terreno, Jesus foi incontestavelmente reconhecido como mestre e líder religioso. As palavras ditas pelo destacado fariseu Nicodemos não deixa a menor dúvida quanto a isso: *“Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele”* (Jo 3.2b). Das 90 vezes que alguém se dirigiu à Cristo nos Evangelhos, 60 vezes ele foi chamado de Mestre. O detalhe é que, na condição de mestre, ele usou intensamente as ferramentas disponibilizadas pela filosofia. Em Mateus 11.4-6 Jesus usou silogismo

Quando João ouviu, no cárcere, falar das obras de Cristo, mandou por seus discípulos perguntar-lhe: És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho. E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço.

Ao invés de responder de pronto: sim! sou eu! Porém, correndo o risco de deixar margem para que João suspeitasse de que ele estava sendo presunçoso e se deixando levar pela opinião popular, Jesus optou pelo silogismo, o qual é formado por duas proposições e uma conclusão. Conforme testemunho do próprio Nicodemos (Jo 3.2b), os judeus estavam convencidos de que o Messias realizaria muitos sinais e milagres entre eles (primeira proposição). Jesus realizava sinais e milagres (segunda proposição). Logo, ficou fácil deduzir que Jesus era o Messias (conclusão).

Em João 8.1-9, Jesus usou a maiêutica:

Jesus, entretanto, foi para o monte das Oliveiras. De madrugada, voltou novamente para o templo, e todo o povo ia ter com ele; e,

assentado, os ensinava. Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos, disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes? Isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo. Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra. E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava.

Se Jesus se negasse aplicar a lei, cairia no descrédito junto à opinião pública que até então o tinha na conta de doutor da lei (mestre). Se ordenasse seu apedrejamento, toda a sua postura de amor e misericórdia para com o pecador cairia por terra. Neste momento, a maiêutica socrática o salvou.

A maiêutica compreende duas etapas: na primeira etapa, busca-se demolir as convicções do sujeito, geralmente fundamentadas em valores e preconceitos sociais e religiosos. Esta era a situação dos algozes da mulher adúltera. Na segunda etapa, a maiêutica busca levar o sujeito a pensar por si mesmo. Ao lançar a pergunta: “*Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra*”, Jesus demoliu suas convicções (1ª etapa). Imediatamente, começaram não apenas a pensar por si mesmos como, também, a duvidar da santidade deles à medida em que iam recordando seus pecados ocultos (2ª etapa). Imediatamente se sentiram “adúlteros” e tão merecedores de apedrejamento quanto a mulher.

Os padres apologistas

A história mostra que a Igreja dos primeiros séculos sempre viu a Filosofia como “serva da teologia”. Já no século II surgiram os primeiros representantes da filosofia cristã, posteriormente identificados como Padres apologistas. Tratava-se de eruditos, homens conhecedores da filosofia grega e que se sentiram impelidos a defender a fé cristã ante os intelectuais pagãos e as autoridades romanas. Nesta ocasião os cristãos vinham sendo discriminados e mortos, de modo que se fazia necessário defender a doutrina,

bem como o direito de professar a fé em Cristo. Convencidos de que tanto os eruditos pagãos quanto as autoridades romanas atacavam o cristianismo por desconhecê-lo, eles recorreram à linguagem filosófica grega, baseando-se sempre em algum princípio normativo ou jurídico (leis romanas), ético (códigos de ética e os direitos humanos) ou, em alguns casos, religioso (a bíblia) para justificar a conclusão final. Segundo Marlon Ronald (2009),

Os apologetas queriam manifestar diante da opinião pública a verdadeira natureza do Cristianismo. Eles tinham a preocupação de demonstrar a conformidade do Cristianismo com o ideal helênico. Proclamavam – na maioria dos casos – a aliança do Cristianismo e da Filosofia. Queriam mais do que somente tolerância. Mostravam que os cristãos eram os melhores cidadãos do Império e que o Cristianismo favorecia a grandeza do Império (MARLON RONALD, p. 31).

Os mais destacados apologetas foram: Aristides de Atenas (?- 134), Quadrato (123-129), Justino, o mártir (100-165), Tertuliano (160-220) e Teófilo de Antioquia (?-186). A história provou que os apologetas foram bem sucedidos naquilo em que se propuseram.

Com a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.) e subsequente formação dos reinos bárbaros, a Europa se viu diante de um cenário fortemente marcado pela fragmentação e ausência de unidade política. Por algum tempo, o estilo de vida citadino deu lugar ao ruralismo e o labor filosófico arrefeceu significativamente. A Igreja, que desde o ano 391 ganhava força, prestígio, riqueza e poder, devido à oficialização do cristianismo como religião do Império, tornava-se a única instituição forte e capaz de ocupar um papel de destaque nesse novo contexto. De fato, ocupou. A cultura e a educação tornaram-se praticamente monopólios da religião. As obras e os textos da Antiguidade clássica greco-romana foram recolhidos e preservados nos mosteiros, que se tornaram centros de cultura, de preservação e propagação do saber na Idade Média.

Todavia, a partir do final do século VIII a Europa viveu um período fortemente marcado pela renovação cultural e que ficou conhecido como Renascimento Carolíngio. Carlos Magno (742-814), rei franco e sagrado Imperador do Sacro Império Romano Germânico no ano 800 pelas mãos do Papa Leão III, passou a estimular a produção literária, as artes e a educação.

Essa iniciativa marcou profundamente a Idade Média com a consolidação da filosofia cristã (também conhecida como filosofia medieval) e o início da Escolástica, um método de aprendizagem que buscava conciliar a fé cristã com o pensamento racional, especialmente o da filosofia greco-romana. Neste cenário surge então as chamadas escolas Palatinas, nas quais a filosofia terá uma função determinante.

Além de fundar essas escolas, a Renascença Carolíngia foi responsável por organizar o ensino, dividindo-o em dois segmentos: o trivium (gramática, retórica e lógica), em que os estudos estavam mais voltados para a linguagem, e o quadrivium (música, geometria, aritmética e física), em que os estudos estavam mais voltados para as ciências matemáticas. Trivium e quadrivium também foram chamados de as “três vias” e “as quatro vias”, respectivamente. Uma figura de suma importância nessa formação e consolidação do ensino foi o monge Alcuíno de York (730 - 804) que em 781 fora chamado pelo então rei Carlos Magno para dirigir a Escola Palatina e transformou-se no organizador dos estudos dentro do Império carolíngio ou Sacro Império Romano-Germânico, como ficou conhecido a partir do século IX. Foi Alcuíno quem ordenou os estudos segundo as sete disciplinas ou artes liberais, do trivium e do quadrivium, chamando-as de as sete colunas da sabedoria.

Outra figura importante nesse novo cenário de transformações políticas, econômicas e, principalmente, culturais e educacionais foi o teólogo e filósofo irlandês João Escoto Eriúgena (810-870). Pode-se dizer que ele foi o grande destaque intelectual e contribuiu de forma decisiva para a formação das escolas Palatinas em seu tempo, dando seguimento ao trabalho iniciado por Alcuíno. João Escoto produziu uma filosofia que aproximava fé e razão de forma formidável, sendo considerado por alguns estudiosos da história da filosofia como o grande expoente desde Santo Agostinho. Segundo Reale (2007), Escoto compreendia a aproximação e a interdependência entre fé e razão da seguinte maneira: *“A verdadeira autoridade não se opõe à reta razão, nem esta à verdadeira autoridade, porque ambas derivam de única fonte, isto é, da sabedoria divina”* (REALE, p. 138).

A influência da filosofia pragmática deweyniana na pós modernidade

No entanto, a deflagração das duas grandes Desde os primórdios do Iluminismo (séc. XVII e XVIII) os conflitos entre racionalistas e homens da fé giraram sempre em torno dos conteúdos pedagógicos, razão porque no Brasil, em diversos momentos, a educação religiosa foi banida do ensino público e aquartelada nas escolas confessionais. Com a deflagração das duas grandes guerras mundiais em um curto período de tempo, ocasião em que a raça humana desceu ao nível mais baixo da barbárie, os ideais iluministas caíram em descrédito e a humanidade foi tomada por um forte sentimento de ceticismo e desencanto. Tudo que se acreditou anteriormente: a bondade inata do ser humano e a certeza de que o ser humano estava evoluindo em direção a um mundo melhor e mais justo, desabou. Das cinzas da Modernidade, ergueu uma nova Era, a Pós modernidade, que foi tomando forma e marcando mais fortemente o estilo de vida a partir da segunda metade da década de 1960.

Foi neste novo ambiente, fortemente marcado pela rejeição a todos os valores e princípios espirituais, morais e sociais que o Pragmatismo, uma nova filosofia estruturada no final do século XIX nos Estados Unidos da América veio a calhar. O pragmatismo é uma filosofia humanista a afirmar que o homem cria seus próprios valores, que a realidade está em formação e nossas verdades são produtos artificiais. A doutrina foi estabelecida por Charles Sanders Peirce (1839-1914), William James (1842-1910) e Oliver Wendell Holmes Jr. (1841-1935). Mas foi John Dewey (1859-1952) quem mais trabalhou seu aspecto político-pedagógico. Desde então, o foco dos conflitos saiu dos conteúdos e migrou para os métodos. Segundo Gadotti (2006), *“Nesta pedagogia não se coloca o problema dos conteúdos, esquece os conteúdos para se deter sobre métodos, sobre o encontro de opiniões”* (GADOTTI, p.95). Entre as influências doutrinárias embutidas no pragmatismo, podemos destacar o utilitarismo de John Stuart Mill e o ceticismo característico do iluminismo escocês. No pragmatismo nada pode ser tomado como absoluto e nenhuma expressão será usada em definitivo, razão porque a doutrina veio a calhar com os conceitos da pós modernidade.

Os que antes se opunham ao ensino religioso nas escolas públicas o faziam por entender, primeiro: que o Estado deveria ser laico, porém, defensor da pluralidade e, segundo: por entender que o ensino religioso era, por natureza, unilateral e doutrinador. Todavia, com a mudança do foco, o clima entre racionalistas e homens da fé aqueceu ainda mais, pois os pós modernos se achavam obcecados pela neutralidade e pela tolerância. Clark (2006) nos informa que em nome desta neutralidade, a Suprema Corte dos Estados Unidos baniu das escolas públicas a oração e a leitura da Bíblia. Em nome da neutralidade e da tolerância o professor e a escola estavam terminantemente proibidos de aplicar qualquer tipo de disciplina ou direcionamento no sentido de corrigir algum tipo de má conduta social do aluno.

Clark (2006) apontou a influência da pedagogia deweyniana nesta nova política educacional. No campo específico da pedagogia, a teoria de Dewey propunha a educação progressiva e com forte viés social. Um de seus principais objetivos é educar a criança como um todo. O que importa é o crescimento físico, emocional e intelectual. A fim de fazer todos os alunos iguais, flexibilizou-se o currículo por meio da redução dos requerimentos mínimos, a fim de que todos possam passar: *“Em tais escolas, mais frequentemente em áreas metropolitanas, um aluno não deve ser reprovado; ele deve ser promovido”* (CLARK, p. 4). Seu grande mérito foi ter sido um dos primeiros a chamar a atenção para a capacidade de pensar dos alunos. O pragmatismo influenciou educadores de várias partes do mundo. No Brasil inspirou o movimento da Escola Nova, liderado por Anísio Teixeira, onde integrava a atividade prática e a democracia como importantes ingredientes da educação.

As contribuições deweyanas no campo pedagógico são incontestáveis. No entanto, na condição de pragmático, era avesso a toda e qualquer forma de disciplina corretiva ou direcionamento. Entendia que cada sujeito deveria ser deixado livre para descobrir e construir por meio da experiência seus próprios conceitos de verdade, de certo ou errado. Segundo Maria Magalhães do Nascimento, doutorada em Filosofia pela UFMG/UFPI, a filosofia de Dewey *“envolve uma permanente rejeição aos conceitos abstratos, categorias apriorísticas, princípios perpétuos, entes transcendentais, etc.”* Isto justifica o porquê em 1922, em sua obra *Human Nature and Conduct* (Natureza e

Conduta Humana) (Parte II, Seção 2), ele encorajava os jovens a se rebelar contra a disciplina paterna: *“Os pais têm amansado”* – dizia – *“a originalidade prazerosa da criança; eles estilam nela hábitos morais; e o resultado disso é a massa de ‘irracionalidade’ e ‘infantilismos’”*.

Não há dúvidas de que a filosofia pragmática deweyana causou estragos na política educacional dos Estados Unidos e refletiu no Brasil e em muitos outros países mundo a fora. Também não há dúvidas de que ela serviu de instrumento aos inimigos do cristianismo. Em nome da tão propalada neutralidade, que Clark (2006) chamou de mito, retirou-se das escolas a prática da oração e leitura da Bíblia. Em nome dela, os Gideões não podiam mais distribuir Bíblias nas escolas americanas. Tudo isso aconteceu a despeito de ser fato incontroverso que a Bíblia inglesa teve maior influência na linguagem, na literatura, na civilização e moral americana do que qualquer outro livro (CLARK, p. 6). Em contrapartida, os alunos vêm sendo diuturnamente bombardeados pela ideologia ateuista que nega o criacionismo e infunde o evolucionismo sem que nada se faça em nome da tal neutralidade:

“Como pode uma criança de sete ou oito anos permanecer de pé contra um ataque organizado à cosmovisão teísta? Como pode os pais proteger seus filhos? A escola pública não tem pretensão de ser neutra em assuntos religiosos, e quando um pai aqui e ali protesta, ele é frontalmente ridicularizado e silenciado. A ideia de liberdade religiosa ou mesmo de tolerância ao Cristianismo – ou seja, o clamor inicial de neutralidade – não é parte do equipamento mental de tais professores [...] Livros atacando o cristianismo não são ilegais. Professores podem negar Deus, a criação, e a providência; mas a lei os proíbe de recomendar o cristianismo (CLARK, p. 5,6).

A aversão do pragmatismo deweyano em relação a toda e qualquer forma de disciplina ou direcionamento moral e sua tolerância permissiva abriu precedente à violência, aos vícios em drogas e à imoralidade sexual no ambiente escolar, na mesma proporção em que exerceu forte influência no Código penal estadunidense. Segundo Clark (2006),

“Quando a filosofia de Dewey é traduzida para o Código Penal, com sua ênfase na reabilitação (pois o criminoso é doente, não ímpio; e a comunidade é culpada, não ele mesmo), vinte mil pessoas cometem assassinatos em um único ano nos Estados Unidos e nenhuma delas

é executada. No ano seguinte, mais pessoas cometem assassinato” (DEWEY, p. 4).

Segundo Clark (2006), a flexibilização do currículo e a ideia de promoção em detrimento ao mérito, produziu uma geração inteira de analfabetos com diploma:

“Em escolas secundárias que passaram pela observação deste escritor, alguns estudantes do penúltimo ano (sem dúvida os do último, também, mas os exemplos seguintes são restritos a conhecimento pessoal) não são capazes de ler materiais da quarta série; em um laboratório de botânica um aluno não conseguia ler a folha de instruções, e um garoto ‘graduado’ de 20 anos não era apto a ler – bem não era apto a ler dois parágrafos de qualquer coisa” (CLARK, p. 4, 5).

Ao expurgarem do sistema escolar, em nome da neutralidade, todo e qualquer vestígio de uma filosofia cristã, o resultado que se produziu foi incontestavelmente trágico tanto no aspecto pedagógico quanto disciplinar. Isso se explica se se levar em conta que o pragmatismo focou no desenvolvimento dos aspectos físico, emocional e intelectual do discente, em detrimento dos não menos importantes aspectos moral e espiritual, objeto de pesquisa da filosofia cristã.

Clark (2006) está convencido de que o sistema escolar não pode operar de forma neutra e igualmente não pode abrir mão de instrumentos capazes de reprimir e corrigir a delinquência. Na sequência, ele aponta a origem dos conflitos pós modernos entre racionalistas e homens da fé:

“As duas filosofias é suas duas implicações educacionais diferem no que toca ao que fazer, em que consiste o mal, e de que forma ele se origina” (CLARK, p. 5).

Bibliologia

CLARK, Gordon Haddon. Uma Filosofia da Educação/Tradução: Mateus Alves da Mota, 2006 ou <http://www.monergismo.com/textos/educacao/filosofia-crista-educacao-clark.pdf>

Fluck, Marlon Ronald. Teologia dos pais da igreja. Curitiba: Escritores Associados, 2009, p. 31.

REALE, Giovanni. História da Filosofia: Patrística e Escolástica. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.20/GT_20_01_2010.pdf - consultado em 10/07/2018.

<http://www.neipies.com/nao-existe-neutralidade-na-educacao/> consultado em 10/07/2018 – consultado em 11/07/2018.

<https://novaescola.org.br/conteudo/1711/john-dewey-o-pensador-que-pos-a-pratica-em-foco> - consultado em 11/07/2018.

<http://www.colegiopxsflamboyant.com.br/Documentos/Capitulo8.pdf> - consultado em 12/07/2018.

http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_X_2005_1/jose.pdf - consultado em 12/07/2018.

http://www.oconsolador.com.br/ano7/324/rogerio_coelho.html - consultado em 13/07/2018.